

FHC

RUBEM DE AZEVEDO LIMA

CORREIO BRAZILIENSE

Viagem

A grande briga

14 FEV 1997

A maior parte do saldo positivo da viagem do presidente Fernando Henrique à Europa deve ser apenas retórico. FHC ofereceu possibilidades de investimentos no Brasil a autoridades e empresários britânicos e italianos, avistando-se ainda com o papa João Paulo II, por trinta minutos, a sós.

De concreto, só alguns acordos com a Itália. Em Londres, o presidente esteve com o primeiro-ministro Major e com o líder da oposição, Anthony Blair. Com o papa, a conversa é reservada. São esses os fatos.

Já se disse que, jornalisticamente, os fatos são sagrados e as interpretações, livres. Será isso mesmo? Há controvérsias. Clarence Barron, *publisher* do *Wall Street Journal*, no começo do século, fez, a tal respeito, uma advertência à jornalista e futura espã americana Mary Bancroft: "Lembre-se, menina: os fatos não são a verdade". O que ele quis dizer é que, com frequência, a verdade verdadeira está escondida sob a

aparência dos fatos.

Pois FHC começou a viagem reclamando contra as exigências dos Estados Unidos — de abertura ainda maior do comércio brasileiro ao exterior — e até disse que essa questão "agora, era briga de gente grande".

Ao chegar à Itália, porém, suas queixas foram contra o comércio europeu — menos poderoso politicamente do que o dos EUA —, também fechado à exportação agrícola do Brasil.

Como se vê, embora cumprindo à risca as determinações da nova ordem econômica, imposta pelos países ricos, o Brasil não deixa de ter dificuldades no comércio externo e ainda precisa aturar cobranças impertinentes dos grupos de olho na Vale do Rio Doce ou no setor de energia elétrica e das telecomunicações nacionais.

São justas as queixas de FHC, sobre a falta de reciprocidade internacional à nossa abertura ao neoliberalismo. Durante o penoso processo de submissão do país às exigências estrangei-

ras, não faltaram alertas ao governo, que, no entanto, sequer as considerou.

Nunca é tarde para mudar e se espera que FHC aprenda a lição de seus reveses no exterior, tratando, a partir de agora, dos casos da Vale, das telecomunicações etc., em função dos reais interesses do país.

Apesar do clima de tranquilidade com que acabou a viagem e mesmo encoberto pela declaração do ministro do Exterior, que chocou Portugal, ficou no ar europeu um enigma a ser decifrado: quem é o adversário da "briga de gente grande" que o Brasil enfrenta? Os EUA ou o G-7? O anúncio extemporâneo desse fato seria só uma bravata? E, antes, os defensores do país, nesses casos, eram anões políticos? Ou todos eram de estatura política normal e só FHC é o gigante apto a defender os interesses brasileiros? Dúvidas não faltam na bagagem de FHC. Sorte dele que esse artigo não paga imposto na Alfândega.